

TRIBUNA Livre

24
JUNHO
1972

À Biblioteca Pública de
Braga

DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR-TELEF. 62113 - AMARES

APONTAMENTO

(As nossas coisas na pena brilhante de um jornalista)

Jerónimo de Castro, esse jornalista de invulgares recursos, que também é orador de fina água, passeou pelo nosso Concelho e de quanto viu deu nota nas páginas do «Correio do Minho», tão habituadas à sua prosa multicor e variegada como tapete fino dos que as nossas moçoilas confeccionam.

Trazemos às páginas do nosso jornal o «apontamento» do talentoso jornalista por entendermos que bem vale a transcrição quer pela beleza da forma quer pelo acerto de quanto refere.

* * *

Não vou agora, e aqui, discutir o que vale o homem, cuja defesa hierárquica vem de tempos quase imemoriais, como sejam os de Platão, que filosofou sobre o «homem implume», no dizer do autor de «Cenas da Foz»; os de Moisés — que lhe pôs na cabeça a tiara de rei da criação; ou de Píndaro, o mefistofélico de barbas e bigode, que havia de nos vir contar que o bixo-homem não passa de ser a sombra de um sonho, mais ou menos atribulado; para, afim, e pela boca do escritor de Seide, por cedências de Pinheiro Alves, se retratar como pura e simplesmente «um pedaço de asno».

E isto tudo para que se

Visitantes ilustres

Passaram por esta Vila, e visitaram o Restaurante Milho Rei, os Ex.^{mos} Senhores Directores de Finanças, Jorge Garibald, Caldeira Curvelo, Abílio de Bastos e José Lopes Peres, acompanhados de Suas extremosas Esposas, com destino ao Gerês.

Com os ilustres visitantes, seguia a Senhora D. Alice Ferro, de Lisboa.

Tribuna Livre apresentou-lhes os mais respeitosos cumprimentos e votos de boa viagem.

veja que somos do número dos que admiram o apego do homem ao seu torrão. Modernamente se dirá, do homem telúrico. A quem se lhe entumecem as veias de sangue puro para defesa de diferendos geográficos, como de posse legítima de quanto é seu. Daí as tremendas cisânias que vêm embaraçando a paz e concórdia entre povos havidos como cordeirinhos até há pouco, e metidos no mesmo redil...

Gosto, sinceramente, dos homens que se devotam a seus eidos e se batem a lódo ou à pena, por razões que estão firmemente na cobertura do que chamaremos de bairrismo. Se bem que se tenda para um cada vez maior universalismo, se é caso de assim abordarmos a questão dos nacionalismos a nível regional. Para exemplo de um de desses egoísmos salutares — bairrismo puro e que não foi injectado jamais por soro impestado, ou maléfico — temos aí o que se desenvolve, de há anos, em Amares, ou mais precisamente, na Feira Nova através dos Macedos todos que lhe conferem ourela à marca, e agora avivados por novos elementos, na mesma válidos e serviçais em pró da Terra, que já serviu de tebaida ao Sá de Miranda dos sonetos, cantor das sílfides palacegas, e verdugo de fidalgos amorizados a soldo de luxos e de pitaça rica.

Ainda agora lá puseram — na Feira Nova, que é uma espécie de sala de visitas no Minho (entre Braga e Vila Verde e Amares), em forma de poliedro regular, todo cercado de moradias e avivado de franças bem cheirosas que lhe pontuam o chão assocalcado — ainda agora lhe puseram, dizíamos, mais um imóvel que a há-de alçapremar a olhos de incolas e passantes: — o seu novo «restaurante» — o «Milho Rei», que é uma espécie de estalagem, onde o sossego faz parte da baixela, e a culinária (por quanto nos foi dado já provar e ser servi-

dos) não carece de indulgências, antes vale por sua farturas e sapidez. Prêvem-lhe o bacalhão atassalhado, com molho de vilão e lardeado de batata à rodela, de tacho, onde o azeite não foi avaro nem minguou; ou o cabrito montês de três quilos e poucos arrateis, cortado aos nacos — e regado a verde do Dr. Fernandes, farfalhado, depois de servido em molho de xerez; ou mesmo metam à boca posta de xaputa, ou freira, que antes tenha nadado no mar da Póvoa, e, ao depois, em caçarola de barro untada a pingue sem ranço — façam uma ou outra coisa só, e venham-me dizer se não vale a pena ir ao «Milho Rei»!

Mas o que se deve de admirar nesses homens, é o seu teluismo. Eles sabem lá o que é ter sossego, se calha de estar na defesa ou em causa o prestígio — o nome — da Terra onde nasceram? E é quanto se pretende erigir em templo de oração: — Ide, visitai Amares, e dizei-nos se não há ali amor ao terrunho!

Bem hajam!

Que as Terras serão o que forem os seus homens.

Exames do ensino secundário na nossa Vila

Pois é verdade. Não se acreditaria há 2 anos, mas hoje é verdade.

Na Escola Preparatória prestaram provas de 2.º ano do Ciclo Preparatório algumas dezenas de alunos.

Dentro de pouco tempo teremos exames do 4.º ano, que será o 2.º Ciclo da nova reforma.

Bem bom, não acham?

Bom e útil, graças à dinâmica política de quem sabe governar.

Que tipo de empresário se deve apoiar no sargento de contas?

Em número recente deste jornal lemos um artigo que se intitulava «GENERAL DE CONTAS».

A leitores desprevenidos não teria passado de mais um minuto de leitura ou de mera crítica para encher a página e, para outros, talvez, um elogio. O mesmo se não passou comigo.

É quase uma necessidade natural saber contar; e como a memória do homem tem limites, assim apareceu a conta sob a forma de ciência.

Há vinte anos que os termos «DEVE» e «HAVER» me são familiares e, poderia mesmo dizer que se tivesse lido este artigo ao terminar o meu curso comercial ter-me-ia sentido contente, dada a plenitude com que os tinha assimilado. De facto, nessa altura (1956), os empresários só podiam contar com os cursos comerciais para velarem pelas suas contas, pois os Generais eram coisa proibida.

Como facilmente se compreende, cada um come do que há segundo a maior satisfação para determinado preço. Assim, o empresário recorria ao mercado e convidava o Sargento que melhor provas lhe apresentasse para certo preço, na falta de melhor oferta.

E porque chamar Sargento de Contas ao titular do curso comercial, se tantos foram Generais? Recordo-me, na data já mencionada, ter ouvido falar de um conterrâneo com o curso comercial estar a ocupar um lugar de relevo

A apresentação das Misses

O concurso «Misse Europa 72» realizou-se em Lisboa. E bem.

Este bem tem um senão que foi o da apresentação.

Paulo Renato não esteve à altura, ou melhor, esteve demasiado baixo para o efeito. E foi pena.

numa Secretaria Judicial, por mérito, pois muitos outros tinham idênticas habilitações. Além deste, um deputado igualmente qualificado, etc. etc.. Aqui está a minha primeira discordância com os títulos, pois o inverso é igualmente válido. Tanto pode ser Sargento ou General o cursado com o comercial, Instituto ou Faculdade, perante o empresário; é tudo função da auto-preparação.

Os Contabilistas ou Escriturários, com o curso comercial ou até com a 4.ª classe, ainda hoje ocupam altos cargos. Porquê. Bastou-lhes não se terem limitado ao mínimo que as escolas lhes ensinaram. Elevaram os seus conhecimentos com tratados e experiência, de contrário

«Continua na 4.ª página»

5.ª COLUNA

Leitor amigo: estou de Férias. Já sabe, certamente se me lê há muito, que para mim as férias nada adiantam. Os outros é que trabalham por mim e amanhã quando regressar ao trabalho terei eu de trabalhar por eles quando forem para férias. Isto quer dizer que o patrão só consente que não vamos trabalhar trinta dias. O resto, é como digo.

Mas o pior de tudo que me acontece é isto: aproveitou-me o tempo para me prostrar na cama uma gripe intestinal! Não se ria! Nem sequer grifei o novo nome da gripe. Mas é verdade! Vou explicar-lhe. Apareceu uma nova gripe: mais um veículo de doença, porque a gripe, como sabe, não é uma doença. É um veículo para aparecerem várias doenças. Pois é autêntico: gripe intestinal. Modernamente e clinicamente já não se apelida gripe, mas sim «gripe respiratória» e «gripe intestinal».

E esta nova gripe começa por manifestar-se com mal

(Continua na 4.ª página)

Gonçalves & Ramos L.da

Certifico que no Cartório Notarial da Póvoa de Lanhosa, a cargo do notário licenciado José da Fonseca e Silva, e no livro de notas para escrituras diversas n.º 33-C, de fl. 44 a fl. 46 v.º, na data de 15 de Maio de 1972, foi exarada uma escritura de constituição de sociedade por quotas de responsabilidade limitada entre Carlos Felicíssimo Antunes Gonçalves, António Alves Leite Ramos de Azevedo e José António Leite Ramos de Azevedo, que há-de regular-se pelas cláusulas constantes dos artigos seguintes:

1.º

A sociedade adopta a firma Gonçalves & Ramos, L.da, e fica a ter a sua sede no Largo do Dr. Oliveira Salazar, freguesia de Ferreiros, concelho de Amares.

2.º

O objecto da sociedade consiste no exercício do comércio de materiais de construção e produtos destinados à exploração agrícola e pecuária ou qualquer outro ramo de comércio que os sócios por unanimidade, resolvam explorar dentro dos limites legais.

3.º

A sua duração é por tempo indeterminado, contando-se o seu começo, para todos os efeitos, desde o dia de hoje.

4.º

O capital social, já totalmente realizado, em dinheiro, é de 175 000\$ e corresponde às quotas que eles, outorgantes, subscreveram, pela forma seguinte: 75 000\$ o primeiro outorgante, Carlos Felicíssimo, e 50 000\$ cada um dos outros dois outorgantes.

5.º

É proibida a cessão de quotas a estranhos sem consentimento da sociedade, mas é livremente permitido entre sócios.

§ 1.º O sócio que pretender alienar a sua quota a estranhos prevenirá a sociedade, com a antecedência de trinta dias, por carta registada, declarando o nome do adquirente e as condições da cessão.

§ 2.º A sociedade reserva-se o direito de preferência nesta cessão, e quando não quiser usar dele é este direito deferido aos sócios.

§ 3.º Se mais de um sócio pretender adquirir a quota, será ela dividida por todos os pretendentes na proporção das suas quotas.

6.º

A gerência da sociedade e a sua representação em juízo e fora dele são confiados a todos os sócios, que desde já são nomeados gerentes, com dispensa de caução.

§ 1.º Para obrigar a sociedade será, no entanto, necessária a assinatura de dois dos gerentes, sendo um destes, obrigatoriamente, o sócio Carlos Felicíssimo Antunes Gonçalves.

§ 2.º Para actos de mero expediente bastará a assinatura de qualquer dos gerentes.

7.º

As assembleias gerais, nos casos em que a lei não determine formalidades especiais para a sua convocação, serão convocadas pela gerência por carta registada, expedida com dez dias de antecedência, pelo menos.

8.º

Os lucros da sociedade, deduzida a percentagem para o fundo de reserva legal, serão divididos pelos sócios na proporção das suas quotas e na mesma proporção serão suportados os prejuízos.

9.º

No caso de morte ou interdição de qualquer sócio, a sociedade reserva-se o direito de amortizar a quota do sócio falecido ou interdito, pagando aos herdeiros ou representantes deste o valor que se apurar pertencer-lhes em balanço a dar na ocasião, no qual serão actualizados todos os valores da sociedade.

§ único. O pagamento será efectuado, na falta de convenção em contrário, em quatro prestações de igual montante, vencendo-se a primeira três meses após o fecho do balanço e cada uma das restantes com sucessivos intervalos de três meses.

10.º

Em todo o omissis regularão as disposições legais aplicáveis.

Está conforme com o original, nada havendo em contrário ou além do que se narra ou transcreve.

Cartório Notarial da Póvoa de Lanhosa, 23 de Maio de 1972. =

A Ajudante,

Olinda Elvira Resende Nunes da Silva,

1-0-6469

ANEDOTAS

Certo Juiz encontrou um lavrador, e perguntou-lhe:

—Para onde vais?

O homem escandalizado com a sem-cerimónia, respondeu:

—Não sei.

E continuou a andar.

—Malcriado! vociferou o Juiz. Vou ensinar-lhe a responder com bons modos.

E mandou-o prender.

—Veja lá se não lhe respondi a propósito, senhor... disse o prisioneiro. Como podia eu adivinhar que ia para a cadeia?

O Juiz riu-se e soltou o homem.

Uma senhora, consultando o seu médico, diz-lhe:

—Senhor doutor, há quem afirme que o pintar o cabelo faz mal aos miolos.

Será verdade?

—Não, minha senhora; é por uma razão muito simples. Porque, quem pinta o cabelo não tem miolos!

—Meu Deus! Meu Deus!

A esta exclamação acudiu logo a linda enfermeira, uma irmã de caridade, dizendo-lhe:

—Porque invoca o nome de Deus, diga-me o que D'Ele pretende porque sou sua filha.

—Nesse caso, respondeu o soldado com um sorriso malicioso, a única coisa que peço a Deus é que me conceda a graça de ser seu genro!

CALAFRIO

Continuado do número anterior)

de fazer lindos casaquinhos, e o seu arzinho todo importante, um dos títulos de independência de Miles, tão estampados nele estavam os direitos inerentes ao seu sexo e à sua posição que, se ele tivesse, de repente, reclamado a liberdade, eu nada teria podido argumentar contra. Estava eu perguntando a mim mesma, graças ao mais simples dos acasos, como me sairia de uma tal situação, quando a revolução rebentou com toda a evidência. Chamo-lhe revolução por reconhecer agora terem sido as palavras que ele nessa altura disse que fizeram subir o pano para o último acto do meu horrível drama e por ter sido então que a catástrofe se precipitou.

« Olhe, querida Miles, é capaz de fazer o favor de me dizer quando volto para o colégio? »

Transcritas aqui, as suas palavras parecem assaz inocentes, porque foram pronunciadas num doce, alto e inesperado tom de voz. Para todos os interlocutores, mas em especial para a sua preceptora, essas palavras tinham inflexões, dir-se-ia, de quem estivesse zombando com rosas. Havia nelas uma coisa que sempre me teria «surpreendido», e de tal maneira fui surpreendida, de facto, por elas que estaquei tão rápida como se uma das árvores do parque tivesse desahado sobre a estrada. Qualquer coisa de novo se estabeleceu logo entre nós, e ele notou perfeitamente que eu o compreedi, embora, para que eu assim pensasse, ele não tivesse necessidade de parecer menos cândido nem menos encantador do que de costume. Pude perceber como ele, pelo facto apenas de eu não achar que responder, se dava já conta da vantagem que ganhara. Tão lenta fui em achar fosse o que fosse que dizer-lhe que ele teve imenso tempo para continuar, daí a instante, com o seu sugestivo mas procedente sorriso.

« Concorde, querida » Miss, que isto de um rapaz estar sem pre com uma senhora...! »

Este «querida» andava-lhe sempre nos lábios quando falava comigo, e nada poderia exprimir melhor a delicadeza de sentimentos com que eu procurava inspirar os meus alunos do que esta gentil familiaridade. Era tão respeitosa e fácil!

Mas, ah!, eu sentia bem que devia escolher agora as minhas

frases! Recordo-me de que, para ganhar tempo, procurei rir-me, e de que se me ofigurou ver na linda cara com que ele me olhava que mal parecia e estranha eu devia estar.

« E sempre com a mesma senhora? » volvi

Miles não pestanejou nem tremeu. O caso estava virtualmente pôsto entre nós.

« Ah, com certeza, ela é uma senhora bonita e «perfeita», mas a verdade é que eu sou rapaz, não vê? Um rapaz, sim — um rapaz que está a crescer. »

Fiz aqui uma pequena pausa, por amabilidade.

« Sim, realmente, está a crescer. » Oh, mas como eu me sentia desamparada!

Ainda hoje guardo a dolorosa convicção de que ele parecia sabê-lo e brincar com o caso.

« E a Miss não pode dizer que não tenha sido muito bonzinho, não é verdade? »

Pousei-lhe a mão no ombro, pois, embora compreendesse que seria muito melhor continuar a marcha, ainda não me sentia capaz.

« Não não posso dizer isso », Miles!

— Excepto que eu uma noite, lembra-se?

— Só aquela noite? » não pude olhar em frente com tanta firmeza como ele.

« Sim, quando eu vim cá para fora... quando saí de casa. »

— Oh, sim! Mas já me não lembro o que o levou a fazer isso.

— Esqueceu-se? » Falava com a doce extravagância de uma censura infantil. « Foi precisamente para mostrar que era rapaz Oh, sim... que era rapaz. »

— E que sou capaz de fazer o mesmo segunda vez. »

Senti que podia, talvez, conservar clara a inteligência.

« Naturalmente. Mas espero que não volte a fazer tal. »

— Não, aquilo outra vez, não. Não tinha importância.

— Não tinha importância, » tornei eu. « Mas devemos continuar o nosso caminho. »

Enfiou no meu braço a sua mãozita e continuámos o caminho juntos.

« Então quando volto para o Colégio? »

Mostrei o ar mais natural, considerando o sentido da pergunta.

« Estava muita contente no Colégio? »

Ele apenas ponderou:

(Continua no próximo número)

TRIBUNA do CONCELHO

Notícias do Concelho

Já lá vão distantes as festas de Santo António para lhes fazer-mos as críticas que merecem os acontecimentos mundanos de grande projecção como foram esses festejos que honraram o concelho tal foi o seu brilho e dignidade. A grandiosa procissão que encerrou as festas foi a chave de ouro que fechou o quadro maravilhoso em que o povo tomou parte por ser o mais solene acto programado pela digna Comissão de Festas. Também não é novidade o esplendor dos departamentos ou do conjunto de que se compõe o Milho Rei para onde a frescura do tempo mais nos empurrava para gosar as delícias das suas especialidades. Esse estabelecimento, sem favor, é uma porta aberta ao Turismo Internacional que gosta de encontrar conforto e honestidade. Se o milho rei é uma espiga rara nas desfolhadas esse restaurante e café não é vulgar em qualquer parte pela sua originalidade. O nome foi bem aplicado e creio que foi por causa da sua concepção artística e decorações adequadas aos arrojos associados, pessoas bem conhecidas, pelas suas capacidades, endereçamos sinceros parabéns e esperamos que do roteiro Turístico do Secretariado Nacional de Informação e Turismo faça parte essa «pousada» porque esse organismo, também é indirectamente, beneficiado. Falar dos variados números e destacá-los achamos supérfluo porque quem viu como nós, é que poderá dizer se gostou ou não daquilo que melhor havia para oferecer aos estimados visitantes. Boa música. Foi pena que a de Amares estivesse sozinha sozinha apoiada pelos admiradores que já tinham ouvido a da G.N.R. e da Trofa faltando só à nossa maior número de elementos que a enchessem. Quero dizer que a nossa banda com o número de elementos igual às que cá vieram precedidos de justa fama, podia substituir uma delas para lhes tirar a prova dos nove não ficaria diminuída como nunca ficou em milhares de concertos aonde tem sido chamada. Mas tudo o que for da «porta» não faz milagres e a nossa banda tem-nos feito lá para longe que é o que interessa porque faz propaganda do nome de Amares, terra que dispõe de coisas boas e de paisagem que não engana ninguém como a música por eles tocada também não os engana porque a ouvem para fazerem o seu juízo, pondo de parte o resto dos divertimentos, em

toda a parte encontrados, destacamos a marcha luminosa do dia 13 que deu vida e alegria a muita gente já com sono à hora que percorreu o largo Dr. Salazar. Aqui tendes queridos amigos e leitores da Tribuna ausentes por esse Mundo, uma reduzida descrição do que se passou em Amares durante três dias. E para que tudo isto continue esperamos sempre que as futuras Comissões sejam bem sucedidas nos apelos que vos fizerem para ajudar o custo dos festejos que foi e será sempre elevado. Era o que eu fazia quando estava deportado voluntariamente no Brasil de onde trouxe apenas longa experiência e vastos conhecimentos e ainda mais do que isso o amor que de voto à Pátria aonde nasci e onde me encontro ainda a fazer generosamente aquilo que ninguém quer fazer; dar-vos notícias para que a vossa sensibilidade patriótica não esmoreça nos vossos corações: O valor dos homens está em saber lutar e defender a bandeira portuguesa que tremula em todos os continentes onde puderam chegar as nossas forças e o génio dos descobridores. O resto são apenas fantasias, abusos de forças e desrespeito a quem deu ao Mundo novos Mundos. Agora, numa arrancada heroica para vencer os tormentos, e o atraso temos a inteligência, coragem e patriotismo dos governantes apoiados na capacidade do povo, que tem dado provas, dentro e fora do país, do seu valor e patriotismo. Todo o filho que respeita a mãe e que a ajuda em qualquer emergência terá de Deus a recompensa.

Militão Porto

Vou morrer rico. Consegui uma fortuna. Tirei um treze no totobola das amizades valiosas embora as outras e são muitas, sejam o fruto do meu respeito por todos os homens que nos ajudam a viver as horas contadas da curta vida em movimento. Passei as horas da festa a Santo António à procura de uma gôta de orvalho que me refrescasse o coração sedento. Voltei ao aprisco como uma avelha tresmalhada porque no rebanho não estava nada daquilo que mais me seduzia. Não perdi as esperanças de encontrar quem tanto merece de mim e de tanta gente que o admira.

Por
Elísio Gonçalves
Carrazedo — Amares

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos:

Segunda-feira, dia 26, passa o aniversário natalício da Ex-ma Senhora D. Madalena Gonçalves Rodrigues, esposa do sr. Domingos Rodrigues, proprietários da Farmácia Marques Rego desta vila.

No dia 29 o sr. António dos Santos Barros, funcionário dos Armazens da Feira.

* * *

Na próxima terça-feira, dia 27, passa o aniversário natalício do nosso assinante Snr. Daniel Lourenço Martins, a residir com sua esposa e filho em França.

Desejamos-lhe que passe um aniversário muito feliz e que esta data se repita por muitos e felizes anos.

Tribuna Livre deseja a todos os aniversariantes que passem um dia muito feliz e que esta data se prolongue por infindáveis anos.

José de Abreu Dias «JOTA»

Na próxima terça-feira passa o seu aniversário natalício o sr. José de Abreu Dias, funcionário desta Firma na Sonap.

Os seus colegas desejam-lhe um aniversário muito feliz junto de sua esposa e filhinhos e que esta data se repita por anos sem fim.

Seu filho Armandino deseja a seu pai muitas felicidades e com um abraço deseja-lhe que esta data seja comemorada em Família por muitos e felizes anos.

Para a América

Depois de cumprir o serviço militar, partiu para a América aonde já se encontrava toda a família o sr. José Domingos Pereira da Mota, filho dos srs. Afonso Abrantes da Mota e D. Maria do Carmo Pereira Mota, naturais de Besteiros e nossos estimados assinantes.

Desejamos-lhe boa viagem e que encontre bem todos os seus e que a vida lhe sorria no grande continente americano.

Leia

Propague e assine
«Tribuna Livre»

Festas de S.to António

Donativos Recebidos

RELAÇÃO

Manuel José Fernandes — Lisboa	500\$00
Narciso Vitoriano	100\$00
António José Ribeiro — França	250\$00
Augusto do Sacramento Costa — América	266\$00
Joaquim Martins Fernandes	200\$00
Francisco Pinheiro — Canadá	1.330\$00
António Antunes — França	100\$00
Mário Machado — América	536\$00
Benardino Manuel Barros	50\$00
Fábrica de Moagem — Marco Canaveses	500\$00

Ajuda o teu concelho auxiliando
a comissão de Festas.

INSATISFEITO

Estou só! Tão só nesta solidão

Só e triste sem ninguém...

Ninguém por quem eu chame,

Ninguém que eu compreenda e ame,

Estou só e pobre!...

Pobre de recordação e saudade...

Só e insatisfeito!

Insatisfeito pela vida, que não vivi

Insatisfeito pelo amor que jámais sente.

Só e revoltado!

Revoltado de que nada valho e nada sou

Revoltado porque a vida tudo me negou

E revoltado assim quero gritar

A todo o mundo e quem quizer ouvir

Que eles não sabem viver mas vegetar

Porque viver é amar e não mentir.

A V I S O

Abel Pereira, residente no lugar Outeiro Meão, Freguesia de Santa Marta de Bouro, concelho de Amares, vem por este meio comunicar que se não responsabiliza por qualquer dívida contraída por sua mulher — Delmira da Conceição Pereira.

Pela Torre e por Fiscal

O INACREDITÁVEL

Li atentamente o comentário, esforcei-me até para ver se conhecia de alguma forma o Senhor G. Rodrigues, mas confesso com pesar, não conhecer. Não importa. O que lamento é que tão levemente se digam babuseiras, como as que o autor do comentário se atreve a publicar, sem procurar saber o que há de verdade, no que ele diz — «o inacreditável chegou ao meu conhecimento».

Então acredita-se logo num grupo possivelmente doentio, que vai fazendo as queixas a «medo» «pois certamente desconfiavam da autoridade severa do director da Casa do Povo».

O Senhor disse-lhes, e muito bem, «que não tivessem medo, e que falassem». Imagine-se uma pequena sala superlotada, na residência da Torre, que pelos vistos mal podiam falar. Era necessário que alguém como o Espírito Santo no meio dos apóstolos, escondidos no Cenáculo, encorajasse aquela pobre gente!

Agora eu digo-lhe, eles já antes não tinham medo nenhum, mesmo sem o seu arbitrário e parcial conselho!

¿Porque não diz o Senhor que o grupo tem bom patrono, e que não tiveram medo de se queixar a entidades Distritais, pela direcção da Casa do Povo, junto com o Comandante da Guarda N. Republicana, ter proibido alguns elementos de entrarem na referida Casa do Povo, por tropelias ali causadas: Arrombamentos da porta, falta de respeito à pessoa encarregada, danos no mobiliário e no próprio aparelho televisivo?! E que depois de um inquérito feito, lhes foi respondido que a direcção tinha a autoridade para o fazer.

Porque não diz o Senhor, que por arrombamento da porta, roubaram o televisor, com fortes indícios do célebre grupo, e que passados 3 dias, já quando a Guarda N. Republicana diligenciava na descoberta dos autores do roubo, foi o aparelho encontrado abandonado dentro da «Quinta da Tapada»?

Ignora o Senhor tudo isto?

Então ignora tudo quanto pretende ignorar! Não seja partidário, isso não é para o jornal onde se devem tratar os assuntos sérios e imparcialmente.

Se pretende fazer crítica justa e construtiva, se não era dos piores que se encontravam juntos, ouça tudo quanto o grupo diz, e depois não tenha medo, — o termo é seu — venha ouvir os directores da Casa do Povo, ouça ainda pessoas estranhas a paixões doentias, e no fim,

se o Senhor tiver competência para isso, tirará conclusões.

* * *

Lembre-se que o homem que o Senhor compara à era das paredes, saberá apertar-lhe a mão se lhe fizer reparos construtivos e justos, e aos que lhe são feitos, dirá apenas que não o compara a si à era das paredes, mas às serpentes que por vezes pelo meio da era sobem. Ao termo «tacharia», responde, que se lhe cheiram bem algumas panelas ao seu alcance, venha colaborar que ele lhas dispensará todas.

Não posso ainda deixar de me referir ao milagre que o senhor conseguiu, tirar o medo ao grupo sem medo! E encher de medo aqueles que não costumam ter medo, por estar em paz com a sua consciência, mas temerem os elementos que esquecidos das suas responsabilidades, não hesitam em inventarem «pedras e latas» para levar pessoas de 69 anos ao Tribunal, e lá provar-se o «Inacreditável», a ré estava inocente! O autor esqueceu-se de falar verdade!...

Agora informo-o que se lhe é dada uma resposta ao seu comentário, foi principalmente para que quando a televisão funcionar na Casa do Povo, que poderá ser breve ou demorar não se iluda, nada se deve à sua intervenção, o assunto está há muito a ser tratado.

E ainda o informo também, de que não disse tudo quanto queria, para não ofender alguns princípios de formação moral e educação que aprendi e conservo, mas peço-lhe que continue a desbobinar queixas e calúnias partidárias, contra a pessoa intencionalmente atingida para que possam vir a público, intensões, anseios de subir socialmente, situações criadas, arranjos de vida conquistados, pelo ridículo meio duma popularidade balafo, de gente daqueles que o Senhor com a sua bondadezinha quis apoiar.

Terminando, agradecia que o Senhor se não encobrisse com abreviaturas; ou será que não existe e é alguém que não quer sair à cena com cara de constipado?!...

António de Azevedo

TRIBUNA LIVRE

A Redacção deste «Semanário» pede a todos os ilustres colaboradores o favor de enviarem as suas notícias e artigos até à quarta-feira.

A Redacção

5.ª COLUNA

«Continuado da 1.ª página»

estar, náuseas, vômitos, diarreia e febre, claro está. Nada se sente na cabeça, aqueles arrepios de frio que a gripe respiratória provoca, não existem. Mas sim a outra qualidade sintomatológica. É quando assim é, a primeira coisa a fazer é guardar jejum durante 8 a 12 horas, seguido de um tratamento de iogurte magro e água mineral em partes iguais a que se deve juntar sumo de limão e mel. E quanto mais fruta melhor, além dos medicamentos que o médico prescreve.

Que me perdoem os médicos se, por ventura, me lêem. Mas a prática assim me ensinou, além de ter sido também um clínico o meu melhor conselheiro. E como não custa nada prevenir em lugar de remediar aqui fica a prevenção, Caro Leitor.

Deste modo penitencio-me de não ter assistido às festas do concelho em louvor de Santo António. Tanto interesse tinha em inaugurar o «Milho Rei» e afinal quase estive a milho durante o tempo que andaria a divertir-me por Amares. Até parece que Santo António estava na disposição de me não deixar visitá-lo. Irra, que foi demais.

Por isso peço desculpa, certo que o meu Leitor desculpará quem tão bem se penitenciou de não comparecer nas festas. Paciência, fica para o ano, se lá chegarmos...

EME ABRIL

Condições de Assinatura

Continente	
Ano	50\$00
Semestre	25\$00
Ilhas	
Avião—ano	150\$00
Semestre	75\$00
Barco—ano	60\$00
Semestre	30\$00
Brasil	
Avião—ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	40\$00

Estrangeiro

e Províncias Ultramarinas

Avião—ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco—ano	80\$00
semestre	40\$00

Telefone dos Bombeiros de Amares — 6 2 1 6 2

Que tipo de empresário se deve apoiar no sargento de contas?

«Continuado da 1.ª página»

os empresários deixariam de crer e teriam de procurar melhor substituição.

Este leve apontamento já chamou à atenção dos caros leitores e articulista para os termos exagerados do referido artigo.

É altura de responder a outras afirmações com tanto de vago como desconexas.

Diz haver abismo, confusão e baralhada de termos fora de uso no campo contabilístico e ainda que os monitores da Contabilidade apresentam novas técnicas, quando esta não passa do «DEVE» e «HAVER». Se fossem aceites tais afirmações, deixaria de existir os grandes nomes na Contabilidade que diz terem escriturado livros de fabulosas empresas. Se tudo é tão simples porque se tornaram dignos de nome contabilistas com o curso comercial, seria só porque conheciam bem o «DEVE» e o «HAVER» ou porque teriorizaram sistemas económicos em que apoiaram estes dois termos? Para justificar as novas técnicas dos monitores, bastará dizer que a ciência se amplia com a evolução dos seus parâmetros segundo as necessidades do sector que apoia.

Ao referir-se a extravagantes do Instituto Comercial, informou todos os leitores que está alheio à Contabilidade como técnica ou ciência, pois é descabida a comparação; na medida em que o titular do Curso Contabilista tem passado pelo Curso Comercial, normalmente.

Depois, porque adquirem formação técnica suficiente para administrar qualquer massa falida e peritá-las em Tribunal. Por outro lado o Curso do Instituto foi criado para formar Técnicos de Contabilidade e não extravagantes contabilistas.

Também quis o caro Articulista referir-se à formação adquirida na Faculdade de

Economia, embora com mais respeito. Mas foi mais um passo em falso pois revelou que deve ter ouvido falar vagamente em tal licenciatura. Bastará dizer-lhe que a Contabilidade é apenas uma premissa de que se SERVE a ciência económica para melhor explicar os seus quadros em causa.

Ao afirmar que a Contabilidade não passa de uma hierarquia, quase regimental, ignora que o empresário actual, pretende ver no Técnico de Contas mais alguma coisa que simples balancista.

Necessita que dê uma explanação às contas tão clara e rápida quanto possível.

Não precisa de Contabilista para escriturar, mas para o ajudar a dirigir a empresa.

Isto no que se refere à empresa de dimensão média, pois se passamos à grande dimensão, teria a oportunidade de demonstrar ao Senhor Militão Porto que o empresário tem de contar na sua vital actividade com o economista, pois o contrário seria o tempo voltar para traz.

Nunca vivemos tão perto dos resultados provenientes do emprego de conhecimentos adquiridos neste sector, como nos tempos que correm.

Não estará o Senhor a ser governado por Economistas? Pense bem na complexidade da ciência que misturou com a Contabilidade.

Sem dúvida que exagerou ao tentar adaptar termos contabilísticos e económicos a meras fantasias jornalísticas, mas talvez a intenção não tivesse sido má.

Está a dizer-lho quem passou por todos os cursos de que usou e também é empresário.

Pela minha parte está desculpado Senhor Militão Porto.

Alexandre Pereira

Telefones para serviços

DE URGÊNCIA



Casa de Saúde de Amares	62122
Farmácia Pinheiro Manso	62127
Guarda Nacional Republicana	62115
Farmácia Marques Rêgo	62121
Doutor Eduardo Gonçalves (Médico)	62145
Doutor José Fernandes Médico Amares	62123
Doutor João de Sousa Fernandes (Médico B. S.M.ta)	62162